Prolegômenos para uma biblioteca de mitos: uma abordagem estruturalista com o povo Ramkokamekrá-Canela

Prolegomena to a library of myths: a structuralist approuch with the Ramkokamekrá-Canela people

Luiz Felipe Sousa Curvo[1]

RESUMO

O texto propõe uma reflexão teórico-metodológica para a criação de um acervo de mitos na biblioteca do povo Ramkokamekrá-Canela inspirada pela análise estrutural de Claude Lévi-Strauss, presente na série de trabalhos das Mitológicas, em especial, na obra O Cru e o Cozido, que inclui mitos Jê-Timbira. A proposta considera os mitos como dinâmicos, em constante transformação pelo espírito humano, e busca um método para sua organização e registro em um acervo que se oriente pela lógica estrutural dos próprios mitos. Utilizando conceitos da Biblioteconomia, como as leis de Ranganathan, estabelece um paralelo entre a classificação e a indexação biblioteconômica e as "armações", "códigos" e “mensagens”, instrumentos analíticos que Lévi-Strauss utiliza no estudo dos mitos para a identificação de padrões e conexões entre eles, oferecendo um modelo para sua organização e recuperação que pode ser apropriada por diversos aparelhos culturais, sendo explorada neste trabalho a potencialidade da Biblioteca Canela, uma biblioteca indígena criada em 2022. Assim, o objetivo do trabalho é, a partir de uma análise dos mitos e suas possibilidades enquanto acervo, propor uma forma de organização que permita a coleta, o armazenamento, a catalogação, a navegação e a recuperação desses mitos dentro de um sistema de informação, a partir de uma abordagem estruturalista, enfatizando o papel dos mitos para a cultura de um povo, e sua relevância para uma biblioteca indígena em diálogo intercultural. Relacionando a mitologia e organização social, destaca-se a importância dessas narrativas na continuidade simbólica da identidade e da ordem social dos povos indígenas. Este planejamento inicial de um acervo de mitos não apenas amplia os horizontes da documentação cultural, mas também proporciona uma abordagem inovadora e dinâmica para a produção de registros de memória da literatura oral mítica.

Palavras-Chave: acervo de mitos; biblioteca indígena; Mitológicas; Estruturalismo; povo Ramkokamekrá-Canela.

ABSTRACT

This text proposes a theoretical-methodological reflection for the creation of a myth collection in the library of the Ramkokamekrá-Canela people, inspired by Claude Lévi-Strauss's structural analysis, particularly in his Mythologiques series, with special emphasis on The Raw and the Cooked, which includes Jê-Timbira myths. The

[1] Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bibliotecário-Documentalista na Universidade Federal do Rio Grande, Campus Santo Antônio da Patrulha. E-mail: luiz.curvo88@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0476-5663.

proposal views myths as dynamic elements, constantly transformed by the human spirit, and seeks a method for their organization and documentation in a collection guided by the structural logic inherent to the myths themselves. Employing concepts from Library Science, such as Ranganathan's laws, the study draws a parallel between bibliographic classification and indexing and the "frameworks," "codes," and "messages" used by Lévi-Strauss in myth analysis to identify patterns and connections. This model offers an approach for organizing and retrieving myths that can be adapted by various cultural institutions, with the potential of the Canela Library—an indigenous library created in 2022—being explored in this work. The main objective is to propose, through an analysis of myths and their possibilities as a collection, a method of organization that enables the collection, storage, cataloging, navigation, and retrieval of these myths within an information system. This structuralist approach emphasizes the role of myths in a people's culture and their relevance to an indigenous library fostering intercultural dialogue. Relating mythology and social organization, the importance of these narratives in the symbolic continuity of identity and social order among indigenous peoples is highlighted. This initial planning of a collection of myths not only broadens the horizons of cultural documentation but also provides an innovative and dynamic approach to the production of records of mythical oral literature memory.

Keywords: myths collection; indigenous library; Mythologiques; Structuralism; Ramkokamekrá-Canela people.

Data de submissão: 25 jan. 2025 Data de aprovação: 22 fev. 2025

1 INTRODUÇÃO

A monumental obra de Claude Lévi-Strauss, *As Mitológicas*, cujo primeiro volume, *O Cru e o Cozido*, publicado em 1964, realiza uma grande análise dos mitos ameríndios, buscando desvendar os intricados padrões estruturais que os compõem. A análise de mitos que simbolizam a transição da natureza para a cultura através do roubo do fogo celestial permite tecer uma narrativa que transcende fronteiras temporais e culturais, revelando a complexidade do pensamento humano e sua expressão simbólica. Neste texto, exploraremos os principais temas e conceitos abordados por Lévi-Strauss, destacando a importância da análise estrutural dos mitos para compreender não apenas as sociedades, mas também como opera o espírito humano.

Os mitos, como que sempre estiveram presentes, são formas de pensar e pensam a humanidade, ressignificando-se de uma geração para outra. No entanto, compreender os mitos não é uma tarefa trivial, uma vez que eles são mais do que simples narrativas, são sistemas complexos de significados entrelaçados que refletem

a estrutura e a cosmovisão de uma sociedade. Neste contexto, é proposta a noção de mitos como acervo, registros sistemáticos de um conjunto dinâmico de narrativas que oferecem significados profundos sobre as sociedades humanas e seu modo de estruturar o mundo. Este trabalho explora essa noção a partir da análise estrutural e sua relevância nas dinâmicas culturais e sociais, propondo uma metodologia para a biblioteca do povo Ramkokamekrá-Canela do centro maranhense.

A ideia de uma coleção de mitos em uma biblioteca indígena a partir de suas relações estruturantes emerge como metáfora potente: não se trata apenas de armazenar narrativas, mas de construir espaços simbólicos nos quais o saber oral e o conhecimento tradicional se articulam com práticas contemporâneas. Surge, assim, esta proposta metodológica, ainda em desenvolvimento, que busca alinhar conhecimentos indígenas com os campos da Biblioteconomia e da Antropologia Social, promovendo o diálogo intercultural e a ampliação do reconhecimento da diversidade epistemológica.

2 O CRU E O COZIDO: MITOS DA NATUREZA À CULTURA

Para Lévi-Stauss (2017a, 2021), escrever *As Mitológicas* em si era produzir um mito, era conceber uma continuidade de algo que se encerra logo que surge para dar lugar a algo novo. Desta forma, a temática do primeiro volume das mitológicas, *O Cru e o Cozido*, se inicia com a análise estrutural dos mitos a partir do mito Bororo do desaninhador de pássaros. Esse mito carrega o fogo celestial, o fogo da cozinha, que marca a passagem da natureza para a cultura. Esta passagem configura uma problemática que pode ser vista também como um mito fundamental, caracterizando anseios discursivos que influenciaram o desenvolvimento da teoria antropológica. Eixo temático privilegiado pelo autor, que poderia iniciar seu percurso analítico a partir de outros pontos, de categorias universais ou categorias propriamente provenientes do pensamento ameríndio.

Conforme Basques (2012, p. 209) “As Mitológicas são, justamente, uma viagem pelo universo mítico ameríndio, um itinerário no qual a obra de Lévi-Strauss mantém uma relação de fundo com a sua própria trajetória pessoal”. São essas transformações míticas dos povos ameríndios deste tema central que é a passagem da natureza à cultura que formam a narrativa de *O Cru e o Cozido*. Nele, a análise estrutural de um

mito só é possível dentro de um conjunto de mitos, onde se pode separar seus elementos sincrônicos e diacrônicos, buscando dessa forma significados simbólicos.

O Cru e o Cozido inclui 187 mitos, muitos dos quais baseiam-se na invenção do fogo culinário e suas transformações, um símbolo do pensamento indígena. Como Laraia (2006) interpreta o pensamento estrutural de Lévi-Strauss quanto à passagem da natureza à cultura, trata-se de uma metáfora de quando os homens comiam carne crua, assim como os animais. Para ele, "O que os mitos dizem é que houve um tempo em que essa relação estava invertida: com o roubo do fogo, os homens transformaram-se em caçadores e os animais em caça" (Laraia, 2006, p. 168). Nas palavras de Viveiros de Castro, em uma entrevista concedida à Lagrou e Belaunde (2011, p. 31):

> Acho que o mito é a mesma coisa, feito das relações dele com outros mitos. Não há nenhuma diferença entre as relações internas ao mito e as relações de um mito com um outro mito. Passa-se de um mito para outro da mesma maneira que se passa de um episódio para outro episódio dentro do mito. Ou seja, o mito é feito, por dentro, das mesmas relações que o ligam com outros mitos. É como o fio e o tricô, é como se cada objeto de tricô fosse um mito, e os fios ligassem esses objetos. É uma questão de densidade apenas: se é mais denso, tem-se um mito, se é menos denso tem-se dois mitos com a relação entre eles. Mas não há nenhuma diferença de patamar entre a narrativa, as relações internas e as relações externas.

A ideia de mito em si seria algo facilmente compreensível mundo afora, independente de estilo, narração ou sintaxe, apenas sua história. Ainda que sua compreensão e demonstração conceitual tenham passado por muitos equívocos teóricos até o conceber da análise estrutural. Esta abordagem se tornou um antes e um depois na história da etnologia indígena e propriamente da Antropologia. Os mitos, como tal, se definem também enquanto um sistema temporal. "O valor intrínseco a ele atribuído provém do fato de os eventos que se supõe ocorrer num momento do tempo também formarem uma estrutura permanente, que se refere simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro" (Lévi-Strauss, 2017a, p. 208).

Desta forma, essa estrutura em dois níveis, ao mesmo tempo histórica e a-histórica, permite a compreensão do mito pertencente à fala, à língua e enquanto "objeto absoluto" em um terceiro nível. Para Lévi-Strauss (2021, p. 42), "Os esquemas míticos apresentam no mais alto grau o caráter de objetos absolutos, os quais, se não sofressem influências externas, não perderiam nem ganhariam partes". Daí segue que um esquema é inevitavelmente transformado afetando todos os seus elementos. Eis que, em cada mito, enquanto um particular, pode-se aplicar um esquema mítico que

faz perceber as relações de inteligibilidade recíproca que podem ser percebidas em um grupo de mitos.

O contraditório e o absurdo lógico presentes nos mitos estão dentro da normalidade do que se reconhece enquanto mito. “Tudo pode acontecer num mito. A sucessão dos eventos não parece estar aí submetida a nenhuma regra de lógica ou continuidade, qualquer sujeito pode possuir qualquer predicado, qualquer relação concebível é possível” (Lévi-Strauss, 2017a, p. 207). A unidade de interpretação da antropologia de Lévi-Strauss é a relação que se faz a partir do espírito humano, uma estrutura cognitiva universal, que tem nos mitos uma percepção simbólica a partir da lógica do sensível e do concreto.

A humanidade teria uma capacidade cognitiva universal e as formas de pensamento dos povos indígenas, representadas através de taxonomias, de classificações, como demonstrado por Lévi-Strauss em *O Pensamento Selvagem*, possuem a mesma complexidade intelectual do pensamento racional-científico. Lévi-Strauss (2017a, p. 231) imagina uma mesma lógica que opera este e o pensamento mítico como presente na literatura oral dos povos ameríndios. Assim, o que resistente o autor chama de progresso, “[...] não teria tido por palco a consciência, e sim o mundo, em que uma humanidade dotada de faculdades constantes teria continuamente se deparado, no decorrer de sua longa história, com novos objetos”. A lógica do pensamento mítico operada pelo espírito humano teria sua diferença frente à lógica científica mais em termos qualitativos das operações cognitivas do que das coisas em si.

Desta forma, os mitos, em uma dada posição a partir de um grupo de transformação com outros mitos, em suas diversas variantes, são possíveis de ser deduzidos tal qual uma fórmula matemática. Essa característica é apropriada para a análise estrutural, ainda que, nas *Mitológicas*, a formalização matemática não tenha tomado o mesmo curso que o definido em *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Neste último, conforme Lévi-Strauss em entrevista a Eribon (2005), o problema originou-se da álgebra e da teoria dos grupos de substituições. Nessa situação, a análise é definida por uma inversão entre termos e relações a partir das condicionantes de “[...] que um dos termos seja substituído pelo seu contrário e que uma inversão correlativa se produza entre o valor de função e o valor do termo de dois elementos” (Lévi-Strauss, 2017a, p. 229). Em sua abertura, que em si reproduz

sinteticamente o que será tratado ao longo da leitura de *O Cruz e o Cozido*, diz Lévi-Strauss (2021, p. 19):

> O objetivo deste livro é mostrar de que modo categorias empíricas, como as de cru e cozido, fresco e podre, molhado e queimado etc., que a observação etnográfica basta para definir com precisão, sempre a partir do ponto de vista de uma cultura particular, podem servir como ferramentas conceituais para isolar noções abstratas e encadeá-las em proposições.

O primeiro volume das *Mitológicas*, "[...] uma experiência de pensamento em que o pensador deixa-se pensar, executando pensamentos alheios", como na introdução de Perrone-Moisés (Lévi-Strauss, 2021, p. 7), tem em sua narrativa estruturada tal qual uma obra de música clássica, uma retórica sinfônica organizada em partes como a abertura, canto, sonata, fuga, sinfonia breve, cantata, duplo cânon, peça cromática, concerto, etc.

A maneira de progredir na economia textual do livro, articulando os mitos como em uma partitura musical, está em consonância com a concepção musical de Lévi-Strauss, derivada de sua formação erudita. Música que, segundo a leitura de Viveiros de Castro (Lagrou; Belaunde, 2011), ocupa no ocidente cultural um espaço análogo ao dos mitos entre os povos ameríndios, análise que estreita a relação dos mitos com a arte. "É como se o mito fosse a música do significado, e a música fosse o mito do significante. A música é o significante puro, a poesia está no meio do caminho. Do mito vai-se para a poesia, e da poesia se vai para a música" (Lagrou; Belaunde, 2011, p. 26).

Seguimos a análise da estrutura dos mitos de Lévi-Strauss (2017a) a partir dos preceitos de que o possível sentido dos mitos seja relativo à forma com seus elementos constituintes estão imbricados, combinando-se. E que a presença dos mitos, enquanto parte da linguagem, deve ser vista a partir de suas propriedades, que devem ser buscadas em um nível mais complexo que a expressão linguística. Para Rocha (1996), interpretando Lévi-Strauss, tanto o mito quanto a música possuem origem na linguagem, só que a música acentua a sonoridade e o mito acentua o significado, ambas profundamente presentes na linguagem. Destes preceitos decorre que, enquanto parte linguística, os elementos próprios dos mitos são chamados de grandes unidades constitutivas que precedem complexidades, unidades constitutivas que podem ser isoladas e definidas por mitemas. "Posto que um mito se compõe do conjunto de suas variantes, a análise estrutural deverá considerar todas elas na mesma medida" (Lévi-Strauss, 2017a, p. 217).

Mas essas definições possuem implicações limitantes, pois as verdadeiras unidades constitutivas do mito "[...] não são as relações isoladas, mas feixes de relações, e que é unicamente na forma de combinações desses feixes que as unidades constitutivas adquirem uma função significante" (Lévi-Strauss, 2017a, p. 211). Desta forma, caracterizando uma expressão bidimensional, ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica, que reúne formas da língua e da fala. Lévi-Strauss (2017a, p. 224) explica o uso do método estrutural ao estudo dos mitos:

> Aplicando sistematicamente esse método de análise estrutural, consegue-se ordenar todas as variantes conhecidas do mito numa série, formando uma espécie de grupo de permutações, no qual as duas variantes situadas nas duas extremidades da série apresentam, uma em relação à outra, uma estrutura simétrica, mas invertida. Introduz-se assim um começo de ordem onde só havia caos, e ganha-se a vantagem suplementar de extrair certas operações lógicas que estão na base do pensamento mítico.

É a partir da consciência frente às oposições dadas que o pensamento mítico opera, criando mediações progressivas aparentemente ilimitadas. Esta percepção de afastamentos entre antagônicos apresenta correlações significativas que sustentam que o conjunto de elementos seja submetido a operações ilógicas continuamente simplificadas, levando assim a "lei estrutural do mito em questão" (Lévi-Strauss, 2017a, p. 218). Essas operações sucessivas, testando termos equivalentes, funcionarão criando tríades a partir de extremidades perceptíveis que possam formar termos intermediários, que se somam assim aos polos citados, resultando em tríades e na continuidade das mediações. "Obtêm-se, assim, mediadores de primeiro, segundo e terceiro graus, e assim por diante, sendo que cada um dos termos dá origem ao seguinte por oposição e correlação" (Lévi-Strauss, 2017a, p. 224-225).

Com base na análise estrutural dos mitos, conforme proposto por Lévi-Strauss (2017a, p. 219):

> Vimos que a análise estrutural de uma variante de um mito, registrada em uma tribo (em certos casos, em uma aldeia), desemboca num esquema bidimensional. Basta operar com diversas variantes do mesmo mito, da mesma aldeia, ou da mesma tribo, para que o esquema se torne tridimensional e, se a comparação for estendida, o número de dimensões exigidas cresce tão depressa que deixa de ser possível apreendê-las por procedimentos intuitivos.

Para Basques (2012), esse campo mítico conecta-se por uma relação de afinidade matrimonial entre os seres da terra e os seres celestes que possuem o fogo primordial da cultura. Aqui, o cozinhar é prática de uma tecnologia da mediação, em que fluem operadores binários como o cru e o cozido. Lévi-Strauss demonstra, assim, transformações de mitos que foram analisados de norte a sul do continente, operando

por meio de oposições como alto e baixo, céu e terra, contínuo e descontínuo. Demonstrou também que mitos de distintas localidades geográficas formam objetivamente um grupo e como a análise estrutural, apesar de sua perspectiva formal, permite interpretações etnográficas e históricas que haviam sido propostas em trabalhos anteriores do autor.

Segundo Lévi-Strauss (2021), não existe um término para a análise mítica, tampouco uma unidade fundamental primordial que possa ser atingida tal qual o princípio cartesiano de divisão das disciplinas para a resolução de problemas. Os temas propostos podem se desdobrar continuamente e se realinhar a partir de afinidades imprevistas; assim, “A unidade do mito é apenas tendencial e projetiva, ela nunca reflete um estado ou um momento do mito” (Lévi-Strauss, 2021, p. 32). Os mitos são intermináveis e não precisam de uma marcação clara de início e fim.

Assim, buscar um discurso mítico total seria, em si, uma incongruência, tal qual a ideia de que a análise dos mitos demonstra a forma de pensar de uma sociedade. Conforme Lévi-Strauss (2021, p. 41):

> Não pretendemos, portanto, mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos pensam nos homens, e à sua revelia. E talvez convenha ir mais longe, como sugerimos, abstraindo todo sujeito para considerar que, de um certo modo, os mitos se pensam entre si. Pois trata-se aqui menos de extrair o que há nos mitos (sem estar aliás, na consciência dos homens), do que o sistema de axiomas e postulados que definem o melhor código possível, capaz de oferecer uma significação comum a elaborações inconscientes, que são próprias de espíritos, sociedades e culturas escolhidas entre os que apresentam o maior distanciamento, uns em relação aos outros. Como os mitos se fundam, eles próprios, em códigos de segunda ordem (sendo os de primeira ordem aquele em que consiste a linguagem), este livro forneceria o esboço de um código de terceira ordem, destinado a garantir a tradutibilidade recíproca de vários mitos.

Diante do exposto sobre a lógica estruturante do espírito humano presente nos mitos indígenas, passemos à análise das possibilidades de formação e organização de um acervo de mitos e partir dessa mesma lógica.

3 OS MITOS ENQUANTO ACERVO

É a partir destas considerações que se dará início ao entendimento dos mitos enquanto acervo, constituindo documentos que podem ser definidos como códigos de terceira ordem. Eles são tratados por uma linguagem documentária em uma quarta ordem de códigos, onde se descrevem em dados (são os metadados, ou dados sobre dados) a representação temática dos mitos, em um proceder de organização.

A princípio, se a própria análise estrutural dos mitos só é possível a partir de um conjunto de mitos, conceber uma coleção de mitos enquanto um acervo se demonstra fundamento para a abstração teórica. No que pese para tanto, a importância do estabelecimento, principalmente por conta de Malinowski, do “trabalho de campo” dentro da disciplina da Antropologia Social, o que possibilitou importantes ganhos qualitativos no registro dos mitos em sua concretude social (Rocha, 1996). Segundo Lévi-Strauss, em entrevista a Eribon, tratando do método comparativo dos mitos, não se deve comparar primeiro e generalizar em seguida, pois é a própria generalização que torna possível a comparação. Assim, “[...] diante de uma pluralidade de experiências, começamos por procurar em que nível é conveniente que nos coloquemos para que os fatos observados e descritos sejam mutuamente conversíveis” (Lévi-Strauss; Eribon, 2005, p. 165).

Uma reunião de mitos a partir do registro gráfico da escrita é o que Lévi-Strauss faz, ainda que o tenha feito criando novas versões dos mitos, de forma que nenhum mito é igual ao outro, pois é sempre executado por um sujeito a partir de códigos culturais e de uma ambientação geográfica. Os mitos não são iguais em si e tampouco possuem essências verdadeiras que possam afirmar maior importância de um mito em comparação ao outro. Para Lévi-Strauss (2017a, p. 218-219), não há sentido em considerar uma versão mais real que outra: “Não existe versão ‘verdadeira’, de que todas as demais seriam meras cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito”. No entanto, uma invenção individual não constitui um mito; para tanto, precisa ser assimilada pelo grupo social, preenchendo questões intelectuais e morais. (Lévi-Strauss; Eribon, 2005).

O mito, tal qual a fala, se manifesta pela oralidade, na dita tradição oral, e possui características que o fazem ser percebido em sua constituição, formando-se nas palavras professadas por quem conta o mito e desaparecendo no ar, para formar-se novamente em outra versão de si. Seu valor mítico permanece a cada tradução da apreensão simbólica proveniente da criação de diferenciações que reverberam na criação de sistemas de classificação.

Mas, segundo Lévi-Strauss, em entrevista a Eribon (2005), os mitos se diferenciam de outras formas da literatura oral, tais como lendas e contos, ainda que essas distinções não sejam tão evidentes. Um mito também pode ser fixado em um registro alfabético, sem, por isso, deixar de ser um mito, transformando-se em uma literatura escrita. Sobre a leitura do mito, para Rocha (1996), é necessário um

procedimento diferente do adotado com outras literaturas, uma leitura similar à de uma partitura musical, sendo preciso ler o mito em dois níveis: um diacrônico, que permite uma leitura linear, e um sincrônico, que pode ajudar a perceber o mito como se percebe um todo, para buscar seu significado. Essa leitura sincrônica é como a harmonia na música.

Se o conjunto de mitos de um povo é da ordem do discurso, enquanto a população existir, o conjunto nunca estará fechado, ainda que o anseio intelectual e o sentido social de um mito possam perder importância, transformar-se ou inverter-se, adquirindo novos sentidos simbólicos a partir de saltos lógicos cognitivos, cuja complexidade se demonstra na própria taxonomia da ecologia que os rodeia, impulsionando novas percepções simbólicas. “Pois nomear, dirá Lévi-Strauss, é classificar e, portanto, introduzir descontinuidade” (Basques, 2012, p. 212).

Dessa forma, o mito pode ser compreendido como uma espécie de filosofar de várias sociedades, um acervo de pressupostos comuns dessas sociedades (Almeida, 2021), que se articula de forma inconsciente com as possibilidades de elementos que têm disponível. Para Lévi-Strauss (2017b, p. 79):

> Não se pode esperar da análise estrutural que ela mude a maneira pela qual apreendemos as relações sociais tal como elas se manifestam concretamente: ela apenas permite melhor compreendê-las. E se conseguirmos apreender sua estrutura, nunca será no nível empírico em que primeiro aparecerem, porém num nível mais profundo e que permaneceu até então desapercebido: o das categorias inconscientes, que podemos esperar atingir aproximando, nelas, domínios que, à primeira vista, davam a impressão de não serem relacionáveis.

Ao transformar os mitos, transpondo-os da oralidade para a escrita, sua leitura pode nos soar estranha, tamanha a repetição que é muitas vezes utilizada, apresentando duplicações, triplicações ou quadruplicações de uma sequência. Este estranhamento está relacionado ao disciplinamento a que a linguagem escrita está submetida em sua historicidade. Para Lévi-Strauss (2017a), essas repetições têm uma função, que é expressar a estrutura do mito. Em *A estrutura dos mitos*, o autor utiliza de linhas e colunas para representar a estrutura sincrônica e diacrônica do mito, de modo a colocar ordem e permitir-lhes a interpretação. Complementa:

> Todo mito possui, portanto, uma estrutura folheada que transparece na sua superfície, por assim dizer, no e pelo procedimento de repetição. Contudo [...], as camadas nunca são rigorosamente idênticas. Se o objetivo do mito é, de fato, fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável quando a contradição é real), um número teoricamente infinito de camadas será gerado, cada uma delas ligeiramente diferente da que a precede. O mito irá desenvolver-se como uma espiral, até que o impulso intelectual que lhe deu origem se esgote. O crescimento do mito é, portanto,

> contínuo, por oposição à sua estrutura sempre descontínua (Lévi-Strauss, 2017a, p. 230).

Para Lévi-Strauss (1996), a posse da escrita pode potencializar a capacidade de preservar conhecimentos, concebendo-a como uma memória artificial, embora rejeite sua ideia enquanto um limiar civilizatório, citando o grande impulso humano que foi o Neolítico, sem o auxílio da escrita, vendo esta como um resultado longínquo daquela. “Desde a invenção da escrita até o nascimento da ciência moderna, o mundo ocidental viveu algo como 5 mil anos durante os quais seus conhecimentos flutuaram, mais do que aumentaram” (Lévi-Strauss, 1996, p. 318). Assim, a revolução científica da modernidade pode ter a necessidade de um sistema de registro escrito, mas essa condição não explica seu surgimento histórico.

A acumulação de conhecimentos proporcionada pela escrita é tida com apreensão por Lévi-Strauss (1996) que a via como uma forma de hierarquização social e subordinação das subjetividades indígenas. É simbólico o causo em que utiliza de um bloco de anotações junto aos Nambiquaras e, ao presenciar o chefe do bando fingindo saber ler, chegou à conclusão de que este havia aprendido uma função da escrita por uma via mais sociológica que intelectual. Prossegue seu entendimento:

> Há que se admitir que a função primária da comunicação escrita foi facilitar a servidão. O emprego da escrita com fins desinteressados, visando extrair-lhes satisfações intelectuais e estéticas, é resultado secundário, se é que não se resume, no mais das vezes, a um meio para reforçar, justificar ou dissimular o outro. [...] Se a escrita não bastou para consolidar os conhecimentos, era talvez indispensável para fortalecer as dominações. [...] A luta contra o analfabetismo confunde-se, assim, com o fortalecimento do controle dos cidadãos pelo poder (Lévi-Strauss, 1996, p. 319-320).

De grande influência para Lévi-Strauss, Rousseau (2000) vê a escrita como um enfraquecimento da palavra. A escrita, que para ele deveria fixar a língua, acaba por alterar seu gênio, sem conseguir expressar suas diversas significações, até porque a escrita e a fala seriam necessidades de natureza sensíveis distintas, assim como o são a imagem e o som. Desta forma, embora a biblioteca, enquanto mediadora de saberes, em sua origem e tradição, tenha se ocupado de maneira mais contundente de registros bibliográficos (e não tratamos aqui de descartá-los), já há muito tempo ela tangencia registros de informação que exploram as qualidades sensíveis da imagem e do som. No entanto, estes registros também não conseguem expressar a totalidade das significações das interações míticas.

Esses registros audiovisuais apresentam ambientes que reproduzem espaços de trocas sociais, ainda que, segundo Pink (2007), ao tratar de filmagens etnográficas,

afirme que em vez de registrar a realidade, o máximo que se pode esperar são representações de aspectos da experiência. Colocado os sujeitos no centro do debate, a biblioteca tampouco deve ser focar apenas no registro, abrindo possibilidades para a troca de conhecimentos orais.

Quanto ao colecionar, a ideia se apresenta para nós tanto numa percepção moderna de perda e da necessidade de registros de memória quanto como um ideal de acumulação que se destaca nas sociedades capitalistas. Para Gonçalves (2007), a categoria de colecionamento é algo presente e importante para qualquer coletividade humana. Essa marcação da identidade frente a outros grupos culturais, ao outro, ao diferente, se expressa também pelo uso de objetos materiais que demonstram a constituição de um patrimônio, entendido enquanto a formação de um domínio subjetivo. Essa ideia pode ser analisada para a compreensão do patrimônio, tanto nas formas materiais quanto imateriais. Neste último caso, se situam os mitos, próprios do discurso da tradição oral.

Porém, acumular e reter não é condição universal entre as sociedades humanas. A ideia de patrimônio poderia transitar entre as diversas culturas; a forma de redistribuição ou até destruição é realizada a partir de fins simbólicos próprios, como é exemplo, na literatura etnográfica, o kula praticado nas ilhas Trobriand e o potlatch no noroeste do continente americano. Assim, “Em contextos sociais e culturais não-modernos, ela coincide com categorias mágicas tais como mana e outras, e se define de modo amplo, com fronteiras imprecisas e com o poder especial de se estender e se propagar continuamente” (Gonçalves, 2007, p. 110).

De origem latina, a própria palavra acervo remete ao acúmulo. É certo que, para a análise estrutural, o sentido de acumulação dos mitos não possui caráter exaustivo, tarefa desnecessária ao procedimento analítico, que necessita apenas de um conjunto amostral de mitos. A ideia de um alcance de uma totalidade de mitos a ser apreendida é impraticável. “Trata-se de uma dificuldade real quando se dispõe de muito poucas versões, mas que se vai tornando teórica na medida em que o número delas cresce” (Lévi-Strauss, 2017a, p. 218), ainda que, inversamente, não se possa omitir nenhuma das variantes.

De acordo com Gonçalves (2007), estes elementos que compõem a ideia de patrimônio imaterial não podem ser listados como formas culturais estáveis ou permanentes. A ideia de registro seria, pois, relativa ao acompanhamento do conjunto dos mitos em sua variabilidade de transformações. Prosseguindo, a partir destes

registros, se poderia conceber caminhos para um acervo de mitos, mitos esses que se situam não só na linguagem, mas além dela, considerando que, para Lévi-Strauss (2017b, p. 225), "[...] não há correspondência automática entre as oposições linguísticas e as que se exprimem em crenças religiosas, ritos, mitos ou contos".

Para pensar a relação entre patrimônio material e imaterial em uma perspectiva estruturalista, cito uma entrevista de Viveiros de Castro a Lagrou e Belaude (2011), sobre sua visão quanto a Lévi-Strauss, onde é questionado a respeito de uma máscara, dizendo que esta não é o que ela representa, mas, sobretudo, o que ela transforma, o que ela decide não representar. Assim sendo, o mito é tal qual a máscara que escolhe o que não representar. Segundo Viveiros de Castro, "A máscara é um bom exemplo porque, no que poderíamos chamar a ontologia lévi-straussiana, o espírito que a máscara representa não existe. Então a única coisa que a máscara pode estar representando é outra máscara" (Lagrou; Belaude, 2011, p. 30). O mito opera da mesma maneira, num domínio onde toda significação é como uma transformação e não uma representação.

Os mitos em si possuem uma sistematização, pois regulam o que foi dito anteriormente, toda vez que são contados por alguém, fazendo com que cada performance mítica reorganize os elementos. Ainda, conforme Lévi-Strauss em entrevista a Eribon (2005, p. 147), "[...] para que se possa falar de estrutura, é necessário que entre os elementos e as relações de vários conjuntos surjam relacionamentos invariantes, de tal forma que se possa passar de um conjunto a outro por meio de uma transformação". No capítulo "Tocata e Fuga" de *O Cru e o Cozido*, há a perspectiva estruturalista de um espírito humano cujo inconsciente é sempre vazio, impondo leis estruturais onde uma coisa é sempre resposta a pelo menos duas coisas. A análise estrutural repousa em como organizamos as coisas, e não nelas em si.

Para Lévi-Strauss (2021, p. 319), a verdade de um mito não repousa em um conteúdo privilegiado: "[...] consiste em relações lógicas desprovidas de conteúdo, [...] cujas propriedades invariantes esgotam o valor operativo, visto que relações comparáveis podem se estabelecer entre os elementos de um grande número de conteúdos diferentes". No capítulo "Astronomia bem temperada", Lévi-Strauss (2021, p. 267) propõe um procedimento metodológico para a análise dos mitos:

> Convenhamos chamar de *armação* um conjunto de propriedades que se mantêm invariantes em dois ou mais mitos; *código* o sistema das funções atribuídas por cada mito a essas propriedades; *mensagem*, o conteúdo de

> um mito determinado. [...] quando se passa de um mito ao outro, a *armação* se mantém, o *código* se transforma e a *mensagem* se inverte.

Os mitos parecem expressar sua própria armação, entendida como uma busca por invariantes, jogando com possibilidades lógicas de resolução de problemas transpostos em outros códigos. E, por resolver os problemas lógicos existentes, os mitos expressam uma verdade. Essas armações criam hipóteses que podem ser verificadas na observação etnográfica. Para Lévi-Strauss, em entrevista a Eribon (2005, p. 182):

> O mito propõe um quadro de mensagens cifradas, somente definíveis através de suas regras de construção. Esse quadro permite decifrar um sentido, não do mito em si, mas de todo o resto: imagens do mundo, da sociedade, da história, escondidas no limiar da consciência, como as interrogações que os homens fazem a seu respeito. A matriz da inteligibilidade fornecida pelo mito permite articulá-la num todo coerente.

Desta forma, compreender os esquemas que estabelecem a armação, o código e a mensagem dos mitos é essencial para um sistema que possa armazenar e recuperar mitos a partir de seus elementos comuns. Essas categorias analíticas podem ser entendidas como “pontos de acesso”, que, para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 286) referem-se a qualquer entrada sob o qual os elementos de um registro são procurados.

Basques (2012, p. 212), para demonstrar a importância dos mitos, cita a afirmação de Lévi-Strauss em *O Homem Nu*, quarto e último volume das *Mitológicas*, de que “[...] a mitologia diz muito sobre a sociedade sobre a qual provém e sobre o funcionamento do espírito humano, embora diga pouco sobre a ordem do mundo, a natureza do real, a origem do homem e seu destino”. Em suma, os mitos não apenas refletem a riqueza cultural de uma sociedade, mas também revelam o modo como ela estrutura sua compreensão do mundo. Ao seguir as perspectivas de Lévi-Strauss, pudemos explorar a dinâmica dos mitos como um acervo em constante transformação, proporcionando considerações sobre as sociedades humanas.

Assim, busca-se aqui formas de apropriação conceitual de mitos em coleções organizadas, de modo a proporcionar considerações teóricas que possam impulsionar empreendimentos culturais, como bibliotecas, arquivos e museus, especialmente em comunidades que compartilham uma importante dimensão mítica em sua cosmovisão.

4 APONTAMENTOS PARA A BIBLIOTECA CANELA

Segundo Panet (2005), os Ramkokamekrá-Canelas, povo Timbira oriental de tronco Jê, possuem uma organização social complexa, marcada por uma perspectiva dualista, caracterizada pelo princípio de classificação que se constitui a partir da oposição dos contrários. Esse dualismo se manifesta em seus mitos e ritos. Entre seus mitos, destaca-se o mito da Lua (Putwrè) e do Sol (Pùt), considerado por Curt Nimuendajú como o mais importante dos mitos que observou entre os Timbiras, possuindo explicações para, entre outras coisas, a razão circular das aldeias de cultura Timbira, o que referencia importantes informações etnográficas que podem ser observadas em campo.

Vejamos um trecho do mito do Sol e da Lua coletado por Nimuendajú:

> [...] Escolhem um lugar elevado para fundar a aldeia. Fazem um círculo que o sol divide em duas partes no sentido leste-oeste. Após feito isso, diz “Os meus filhos vão viver ao norte”, “Os meus filhos vão viver ai Sul”, diz Lua. Estas duas partes devem casar-se entre si (Panet, 2005, p. 4).

Figura 1 — Imagem aérea da Aldeia Escalvado feita com drone

Fonte: acervo pessoal (2022).

A ordem espacial e a ordem social se configuram dialeticamente com a mitologia, devendo ser observado que Sol e Lua não possuem uma relação equilibrada. O Sol seria possuidor de características positivas, como o próprio dia e as atividades que proporciona, enquanto a Lua teria características negativas, embora possam ser necessárias, tal qual a morte, que substitui as gerações. Seria então como tese e antítese, algo que revela a relação paradoxal entre partes assimétricas e a busca de equilíbrio. Entretanto, apesar da posição superior do Sol frente à Lua, o que

aparentemente daria mais prestígio social e político ao grupo Keykateyê (Sol) frente ao Harankatejê (Lua), o que se demonstra é sua forma contrária, com as decisões políticas tomadas entre os anciões da metade Harankatejê formam o Pròkam. No mito do Rakwôj, coletado por Rose Panet, a diferença se explica: apenas os Harankatejê comeram o berubu sem consequências, enquanto os Keykateyê ficaram inchados e doentes, e, portanto, possuem o direito a comer do berubu no pátio (Panet, 2005).

Lévi-Strauss ao relacionar mitos e ritos, afirmava que não havia em si uma causalidade direta, mas uma relação dialética que se manifestaria a partir da sua redução aos seus princípios estruturais. A partir dessa consideração, Manuela Carneiro da Cunha (1987), no texto *A lógica do mito e da ação*, analisa o movimento messiânico Canela ocorrido em 1963, quando surge, pela profecia de uma mulher grávida, o anúncio que sua filha seria irmã do herói Aukê, que se torna branco em outro mito. Assim, o movimento messiânico invertia o mito de Aukê para que os indígenas tomassem o lugar do branco na sociedade envolvente. O nascimento de um menino natimorto buscou também outras formas lógicas que continuassem mito, buscando uma equivalência que pudesse estruturar o domínio mítico.

Essa percepção da importância dos mitos na sociedade Ramkokamekrá-Canela evidencia as potencialidades que podem ser obtidas a partir da construção metodológica de uma coleção de mitos em uma biblioteca indígena. Uma coleção de mitos organizada e acessível pode servir como repositório de conhecimentos ancestrais, auxiliando na preservação da memória social e apropriação pelas novas gerações. Mais que uma simples forma de arquivamento, trata-se de um local de resistência, de fortalecimento da identidade, que propicia uma reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos que os indígenas enfrentam.

A biblioteca se entende comumente enquanto um acervo, uma coleção de registros de informação, sendo simbolicamente definível a partir das unidades que formam um conjunto que supera a soma aritmética de suas partes. Tratada com receio por Lévi-Strauss (1996) em *Tristes trópicos*, as bibliotecas representariam um acúmulo de saber, que subordinaria as subjetividades dos povos indígenas à epistemologia ocidental, ideia que encontra ressonância no bibliotecário argentino Civallero (2023), para quem as bibliotecas se constituíram também como espaços ideológicos de uma civilização que preserva a “verdadeira cultura”. Aponta, porém, possibilidades teórico-metodológicas e, desta maneira, a necessidade de descolonizar a biblioteca, ainda que prefira falar de formas de apropriação de

aparelhos culturais, tal qual por culturas tradicionais, sendo uma forma para isso abrir a biblioteca aos sons, à literatura oral da palavra falada, aos cantos e aos ritos, tão importantes nas culturas ameríndias, apontando o surgimento de empreendimentos de documentação da história e tradição oral em diversos meios e linguagens.

De acordo com o filósofo e bibliotecário indiano Ranganathan (2009), são cinco as leis da Biblioteconomia: 1ª) os livros são para usar (opondo-se à ideia de que os livros existem para serem preservados); 2ª) para cada pessoa, seu livro (partindo do pressuposto de que a leitura e, portanto, a educação, são direitos universais); 3ª) para cada livro, seu leitor (cujo recurso mais evidente para satisfazê-la é proporcionar condições de livre acesso); 4ª) poupe o tempo do leitor (proceder à ordenação eficiente da biblioteca para que se conectem livro e leitor) e 5ª) a biblioteca é um organismo em crescimento (implicando a necessidade de planejar seu crescimento e aplicar políticas de seleção e descarte). Podemos tratar os livros citados por Ranganathan como qualquer registro de informação, independentemente de seu suporte, e, considerando a quinta lei, podemos traçar um paralelo entre os mitos, que se transformam constantemente a partir das leis estruturais do espírito humano.

Figura 2 — Biblioteca Canela

Fonte: acervo pessoal (2022)

A partir do uso de conceitos oriundos da museologia indígena (Gomes; Santos, 2022), podemos entender que a biblioteca dos Canelas emerge da consciência e mobilização étnica deste povo, que se apropria do aparelho cultural biblioteca e o traduz como instrumento em apoio aos seus interesses socioeducacionais e culturais. A partir da demanda manifesta por estudantes Canelas, realizou-se um projeto de extensão (Curvo; Santos, 2024), que resultou, em 2022, na criação de biblioteca comunitária junto ao povo Ramkokamekrá-Canela. A partir desta experiência, esboça-se aqui uma proposta metodológica que busca expandir seu acervo a partir do registro sistemático de mitos contados pelos mais velhos e pelos cantores, que possuem grande importância cerimonial na Aldeia Escalvado, devido ao seu universo músico-ritual, aprendido e apreendido com outros seres a partir de experiências xamânicas. De acordo com Soares e Canela (2018) os Ramkokamekrá-Canela possuem histórias de heróis culturais que trouxeram de outro plano o repertório músico-ritual e também as pinturas corporais utilizadas nos grandes rituais ditos amji kin.

Buscando uma equivalência entre a estrutura dos mitos que possa ser traduzida na organização de uma coleção de uma biblioteca, poderíamos conceber processos biblioteconômicos de classificação e indexação, onde a armação, sua estrutura profunda, pode ser entendida como um sistema de classificação de uma biblioteca, como uma estrutura que oferece uma resolução lógica para ordenar essas categorias dentro de uma totalidade, que é o espaço possível onde um acervo está inserido. Já os códigos que se referem aos elementos específicos citados em um mito podem ser assemelhados ao processo de indexação de materiais, onde se extrai uma representação temática por meio de palavras-chave que indicam o conteúdo de um registro, como é exemplo no mito Timbira oriental da origem do fogo, a presença de araras, rocha, escada entre outros (Lévi-Strauss, 2021). Esta representação temática da indexação pode ser utilizada para fluir de um mito ao outro, podendo ser recuperados em buscas em índices ou conectados por hyperlinks.

Para ordenar a mitos em catálogo, pode-se utilizar as armações e códigos identificados como pontos de acesso, assim como o contador do mito e o seu coletor podem ser identificados enquanto uma autoria secundária, descrevendo-os em um sistema de automação. Assim, os códigos podem ser vistos como os termos de indexação, um descritor da análise documentária, utilizando por referência o conceito de indexação de Cunha e Cavalcanti (2008). Já as mensagens devem ser entendidas a partir de seu significado simbólico, podendo, na analogia, se comparar com o

conhecimento que se adquire na apropriação do conteúdo dos registros de informação. Uma forma pode ser demonstrada com os mitos que surgem no capítulo “Variações Jê”, na primeira parte de *O Cru e o Cozido*. São mitos sobre a origem do fogo, cuja armação comum pode ser entendida observando os intervalos de continuidade que remontam às suas transformações, apresentando a árvore podre, a morte feminina e a passagem do tempo a partir do fogo que edifica ao destruir. Sob estas armações, podem-se agrupar conjuntos de mitos.

Desta forma, uma possibilidade para a produção sistêmica de registros míticos seria utilizar uma dinâmica estreita com a escola intercultural, entendendo-a como um vetor de produção de informações. Esta metodologia permitiria produzir registros míticos por meio dos estudantes indígenas, considerando que muitos na Aldeia possuem aparelhos celulares, o que viabiliza essa prática instrumental de coleta. Os estudantes poderiam gravar em língua Jê o conto do mito, indicando sua autoria e temporalidade. A partir dos áudios e vídeos coletados, armazenados e catalogados na Biblioteca Canela, a escola também poderia produzir livretos artesanais dos mitos narrados ou conceber criações de obras audiovisuais, ambas essas práticas de oficina escolar, o que evidenciaria a dimensão infoeducacional (Perrotti, 2017) da coleção de mitos formada.

Segundo Rocha (1996, p. 41), “O mito, como vimos, não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdades eternas e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua. Seu registro é o imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva”. Assim, propõem-se, a partir do exposto, imaginar uma biblioteca de mitos, tendo por definição sua expansão contínua, acrescida da ideia de autoria própria do registro mediatizado. Mitos que seriam ordenados e relacionados a partir da descrição temática, que teria por fundamento o esquema mítico de Lévi-Strauss em *O Cru e o Cozido*. Mas, diferente da literatura oral, estando sob um suporte informacional, o mito não se desfaz, criando-se uma versão de longevidade indefinida, própria para a análise (mas ainda uma versão).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise estrutural, busca-se não apenas o significado dos mitos para as sociedades que os produzem, mas também como eles ecoam através do tempo e do espaço, conectando-se em uma rede complexa de significados compartilhados. Assim, a obra de Lévi-Strauss continua a inspirar e desafiar estudiosos de diversas

áreas, convidando-nos a explorar a lógica estruturante do espírito humano. Os mitos não apenas refletem a riqueza e a diversidade das sociedades humanas, mas também oferecem uma maneira de compreender suas formas de expressão simbólica. Portanto, reconhece-se a importância dos mitos como acervo, abrindo portas para uma compreensão mais profunda e significativa das diversas sociedades.

Tendo em vista a análise estruturalista que Lévi-Strauss conduz no Brasil Central em *O Cru e o Cozido*, a iniciativa de construir um acervo de mitos na Biblioteca Canela surge como uma resposta à mobilização étnica da comunidade, que busca valorizar as tradições culturais do povo Ramkokamekrá-Canela, ressignificando-as nesse processo. A partir da inspiração nas leis da Biblioteconomia propostas por Ranganathan, que enfatizam o uso ativo, a personalização do acesso à informação, a necessidade de organização e a biblioteca enquanto organismo em crescimento, a proposta reconhece os mitos como registros dinâmicos, em constante transformação, e busca uma abordagem metodológica a partir dos instrumentos analíticos das armações, dos códigos e das mensagens dos mitos, que proporcione coleções mediáticas a este grupo indígena Ramkokamekrá-Canela, por meio de uma dinâmica comunitária e escolar intercultural.

Relacionando a mitologia e organização social, destaca-se a importância dessas narrativas na continuidade simbólica da identidade e da ordem social dos povos indígenas. Assim, este planejamento inicial de um acervo de mitos não apenas amplia os horizontes da documentação cultural, mas também proporciona uma abordagem inovadora e dinâmica para a produção de registros de memória da literatura oral mítica. Desta forma, busca-se introduzir na literatura sobre bibliotecas indígenas as ferramentas conceituais da análise estrutural, a fim de inspirar iniciativas indígenas para acervos infoeducacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro. **Caipora e outros conflitos antológicos**. São Paulo: UBU, 2021.

BASQUES, Messias. Claude Lévi-Strauss e o mito da mitologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 209-212, jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/78SkxF9jDXLdT8ZhrxCwXRS/. Acesso em: 21 jan. 2025.

CIVALLERO, Edgardo. Sonido y silencios en las bibliotecas: un puñado de ideias. *In*: JORNADAS RIBCA - REDE INTERMUNICIPAL DE BIBLIOTECAS DE LEITURA PÚBLICA DO CÁVADO, 2023, Braga, Portugal. **Anais eletrônicos** [...]. Braga,

Portugal: Centro Formação do Alto Cávado, 2023. Disponível em: https://www.aacademica.org/edgardo.civallero/455.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história, etnicidade. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CURVO, Luiz Felipe Sousa; SANTOS, Maria Luíza Lucas dos. Experiências de implementação de bibliotecas indígenas no Maranhão por meio de projetos de extensão do IFMA Campus Barra do Corda. **Revista Taka'a**, Barra do Bugres, v. 2, n. 1, p. 1-21, jan./dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/13160. Acesso em: 21 jan. 2025.

GOMES, Alexandre Oliveira; SANTOS, Suzenalson da Silva. Cacique Sotero: narrativas de memória, consciência étnica e museologia indígena. **Revista Boletim**: Observatório da Diversidade Cultural, Belo Horizonte, v. 97, n. 2, p. 42-52, 2022. Disponível em: https://observatoriodadiversidade.org.br/revista/index.php/odc/article/view/150. Acesso em: 21 jan. 2025.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LAGROU, Elsje; BELAUNDE, Luisa Elvira. Do mito grego ao mito ameríndio: uma entrevista sobre Lévi-Strauss com Eduardo Viveiros de Castro. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 9-33, nov. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sant/a/wFhSpcgSYsS9rDPWVjjJVDJ/. Acesso em: 21 jan. 2025.

LARAIA, Roque de Barros. Claude Lévi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 167-169, fev. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rV7jSpJ8zVvFMbcMBCVmhtt/. Acesso em: 21 jan. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Ubu, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. São Paulo: Ubu, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PANET, Rose. Dualismo, metades assimétricas e lógica paradoxal na mitologia Ramkokamekra. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 2, n. 4, p. 7-22, 2005. Disponível em: https://cajapio.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/235. Acesso em: 21 jan. 2025.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez. 2017. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314. Acesso em: 21 jan. 2025.

PINK, Sarah. **Doing Visual Ethnography**. London: Sage, 2007.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SOARES, Ligia Raquel Rodrigues; CANELA, Ricardo Kutokre. O processo de formação de cantadores Ràmkôkamêkra/Canela. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 314-344, 2018. Disponível em: https://revistas.ufg.br/racs/article/view/55386. Acesso em: 21 jan. 2025.